

# 2013 – 60 = 1953 ???

José Aguiar | Professor da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa



ir Bernard Fielden, há já alguns anos, inquirindo-se sobre quanto tempo necessitava um edifício moderno para ser “histórico” (i.e., para ser considerado Património cultural) escrevia: “*If the extremely stylish building can survive 60 years it is discovered by a historian who of course writes a doctoral thesis. Its value gradually becomes appreciated and the historians status rises with it. This shortened history of a building shows how difficult it is to evaluate 20<sup>th</sup> century buildings, especially as each generation tends to criticize and devaluate the previous generation so it takes about 60 years for the **avant garde** to come to a true appreciation of a building merit!*”<sup>1</sup>

Temos obras-primas da nossa arquitectura do século XX a chegarem exactamente a esse momento crítico e o problema da conservação do Património do século XX é particularmente complexo. Sabemos da quase imediata alteração destes projectos, da sua relação funcional estrita com a forma, a pouca versatilidade no aceitar reutilizações diversas das originais (condicionando decisivamente novas apropriações).

Ao contrário de outras eras, no século XX concebemos para pouco tempo de vida e produzimos Arquitecturas de vanguarda baseadas em experimentalismos construtivos, por vezes com maus resultados (na proliferação de materiais e métodos nada tradicionais, pouco testados e não validados pelo uso no tempo); as anomalias são de difícil resolução (corrosão do aço e destruição do betão), e desaparecem materialidades essenciais (o término da fabricação de vidro de determinado tipo e transparência, por exemplo).

A conservação do Património do século XX está longe de ser um dos focos principais da nossa precária política da conservação; os inventários e as classificações são rarefeitos e constatamos o rápido desaparecimento de alguns dos melhores exemplares. Mas foi exactamente entre os anos 50 e o período contemporâneo que em Portugal sucedeu algo de verdadeiramente inédito na longa história da nossa cultura: **pela primeira vez tivemos arquitectos, como Álvaro Siza Vieira, reconhecidos como os melhores do mundo, os mais premiados de sempre.**

Algumas das principais obras desta notabilíssima geração estão hoje num lamentável estado de conservação, como sucede na lindíssima Casa de Ovar de Fernando Távora ou na hoje abandonada e muito vandalizada Casa de Chá da Boa Nova em Matosinhos (já classificada como Monumento Nacional).

Com esta realidade, o ICOMOS-Portugal, em estreita parceria com a Faculdade de Arquitectura e a Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto, organizou (a 8 de Fevereiro) nessa cidade o Encontro *Cuidar das Casas 2*, dedicado à *Conservação do Património do Século XX*. Na mesma ocasião divulgou-se a tradução portuguesa do *Documento de Madrid*, estabelecendo *Critérios para a Conservação do Património Arquitectónico de Século XX* redigidos pelo comité ICOMOS ISC20C (disponível em: <http://icomos.fa.utl.pt/>).

**No mesmo encontro, o ICOMOS-Portugal propôs a candidatura da obra de Álvaro Siza Vieira a inscrição na Lista do Património Mundial**, através da sua inclusão na lista indicativa de Portugal – onde cada país define um alinhamento e organiza o longo caminho a trilhar.

E soubemos então de uma boa notícia: a Câmara Municipal de Matosinhos encarregou o próprio autor do projecto de restauro e reabilitação da Casa de Chá e já lançou o respectivo concurso de execução. Para essa obra importaria reter um extraordinário texto de Álvaro Siza que, escrevendo sobre uma primeira reabilitação (feita em 1992) dessa sua obra (de 1958), dizia (e cita-se em tradução livre) serem os seus interiores de um notável “(...) *trabalho em madeira – afzélia – que, passados mais de 50 anos continua impecável. A execução é, ademais, extraordinária, tal e como se costumava trabalhar normalmente em Portugal nos anos 50. (...) O perfil da Boa Nova segue praticamente em paralelo o perfil das rochas onde se pousa. Na realidade creio que este era o único trabalho que então tinha, e passei ali manhãs inteiras desenhando as rochas uma por uma, era como um paraíso. (...) Bom, chamaram-me para fazer a reabilitação e cheguei com a memória da autocrítica dos anos 60 [do desejo de um projecto geométrico, disciplinarmente mais*

*autónomo, como nas Piscinas de Leça] em mente. (...) Assim que a minha primeira reacção foi pensar: Genial, agora vou deixar isto bem!”*

Siza repara então em todos os detalhes e revestimentos de madeira e pensa: “*Mas o que é isto tudo? Todas estas coisas não são, para nada, essenciais, não servem para nada, tudo isto é um tique nervoso, há que limpar todos estes elementos! E durante os primeiros dias estas ideias proporcionaram-me uma enorme confiança.*

*Logo, depois de uns dias de visita e raciocínio, começo a pensar que se retiro aquilo dali também tenho de destruir aquilo. E se retiro este recorte do revestimento de madeira, que não me agrada nada, tudo o resto ao lado fica isolado, assim que tenho de mudar também outras partes que estão mais além.*

*Até que chegou o momento em que tomei consciência de que o caminho que estava a seguir se traduziria, com coerência, na demolição do edifício, e em fazer outro novo. Pus-me a pensar em como sair deste atoleiro, e então interiorizei que quem fez o edifício foi outro arquitecto. E portanto tinha encontrado uma qualidade nesse outro arquitecto e na sua arquitectura, havia coerência entre as partes até ao ponto em que se queria transformar uma teria de transformar muitas outras; o edifício constituía um todo.*

*E pensei ademais que ainda que não me agradasse esse arquitecto tinha que respeitar o seu trabalho no sentido de criar um ambiente integral, contando com a integridade da sua arquitectura. **E solidarizei-me com o outro, restabeleci o meu respeito por esse arquitecto e comecei simplesmente a recuperar o que já estava!”** ■*

\* Artigo redigido ao abrigo do antigo acordo ortográfico.

1. FIELDEN, B., *Conservation of the 20<sup>th</sup> Century Buildings*. Em: ICOMOS-CIF, *Conservation Training – Needs and Ethics*. Helsínquia: ICOMOS Finnish National Committee, 1995, p. 77.

2. SIZA, A., *Conferencia para el CAH20thC*. Em: J.M. Hernández León e F. Espinosa De Los Monteros (ed.). *ISC20C e ICOMOS, Criterios de Intervención en el Patrimonio Arquitectónico del Siglo XX*. Madrid: Ministerio de Cultura, 2011, p. 187-188.